

AS PRISÕES

Ninguem contesta que as prisões para onde os tribunais atiram os desgraçados, para cumprir uma pena, e até aquelas onde outros estão submetidos a clausura preventiva, à espera de julgamento, são um verdadeiro horror. Todos concordam nisto. São monárquicos que por lá passaram, no tempo das incursões, são republicanos a quem lhes coube também a vez de experimentarem as aguas do cárcere. Todos eles, durante o encarceramento, se sentiam indignados com aquela infâmia, imprópria da nossa civilização. Mas a verdade é que alguns deles, tendo tido situações de destaque na vida política, depressa esqueceram os males passados, talvez convencidos de que a roda da sorte não tornará a desandar e a atirar com eles para um calabouço ou para uma cadeia.

Em princípio, não aceitamos a forma de reprimir a criminalidade, como a adopta a sociedade actual, embora entendamos que certos criminosos, incuráveis, deverão ser isolados do meio social.

Entre, porém, a nossa aspiração de se criarem casas de hospitalização para esses doentes dumha categoria especial e o que se faz actualmente, alguma coisa já se poderia realizar, que se aproximassem do que lhe de ser o tratamento da criminalidade no futuro. Há já países onde o critério com que se encara crime é muito outro. Nesses países esses criminosos não são maltratados, não se procura tornar-se-lhes a vida insuportável, tendo-se até em algumas prisões a preocupação de lhes minorar o sofrimento de clausura com distrações, para lhes levantar o nível moral e evitá-lhes tudo quanto possa excitá-los e exacerbar a sua tendência criminosa.

Por cá não se faz nada disso. A prisão é um antró, um lugar de martírio. Predomina ainda no espírito de quase toda esta gente a ideia do castigo, a necessidade de despenhar no criminoso o remorso, com a sua concepção simplista de que o homem é livre de praticar ou deixar de praticar o mal, e deve, por isso, sofrer a consequência do seu acto. Não há grandesa nem generosidade na maneira de tratar estes assuntos, mas mesquinhos, um rançor estúpido de gente ignorante.

As cadeias são uma vergonha da nova civilização. Devem ser abolidas. Mas enquanto isso se não faz, que ao menos as tornem menos horríveis. E não são apenas a circunstância de, permanentemente, lá se encontrarem os presos de questões sociais que nos levam a escrever estes palavras; mesmo que os presos por questões sociais tivessem clausura á parte, confortável, e em condições de poder suportar-se a clausura, nós não deixaríamos de nos revoltarmos pelo estado em que se encontram as cadeias, verdadeiros locais de suplício.

Desde que se proclamou a República, que se fala em reforma do regime prisional. Afinal, quando se decide a fazer alguma coisa, como nos países civilizados?

A FOME NA IRLANDA

O silêncio infamante da imprensa burguesa
O governo burguês do estado livre da Irlanda, que nasceu devido a um compromisso tomado pelo governo imperialista inglês, os proprietários agrícolas e a burguesia irlandesa, toma como sendo um ulítraje a revelação de que há fome na Irlanda e o emprego dos meios empregados para remediar. Outra coisa não se podia esperar deste governo que apenas é um instrumento de colonização nas mãos dos imperialistas ingleses.

Extraiemos do *The Irish Worker* de Dublin algumas passagens características:

«Percorri as regiões de West Donegal e declaro que os camponeses russos, mesmo os mais pobres, estão em melhores condições, isto após as guerras imperialistas e civis.»

«A miséria de Biddy Donoghue e dos seus cinco filhos nas caves inhospeas de Teelin, não tem comparação nos anais do mundo civilizado.»

Vi os rostos emagrecidos e pálidos pela fome e pelo inverno dos filhos de Biddy: Michael, James, Mary e John. O sofrimento destas crianças deixou-me uma lembrança horrívora e inolvidável.»

Poderíamos juntar a estas poucas linhas assinadas por R. Stewart, inúmeros exemplos tão horrores como este.

Na Irlanda encontraria o orgão das forças vivas faro assunto para campanhas... contra os bolchevistas que governam a Grã-Bretanha...»

Viagem aérea ao polo Norte

OSLO, 23.—O aero-club norueguês já completou todos os preparativos para a expedição em avião do capitão Amundsen ao polo norte.—(R.)

Um discurso de Herriot contra os reaccionários aliados aos banqueiros

que produziram grandes tumultos na Câmara dos Deputados francesa

Acabamos de receber uma carta do Paris que vem pôr-nos bem ao corrente do que se passou na Câmara dos Deputados daquele país, na sexta-feira passada, e da qual extraímos algumas passagens interessantes que veem desenvolver o telegrama publicado anteontem no nosso jornal.

Como já é sabido de toda a gente os bispos e cardinais franceses fizeram uma declaração de guerra à democracia gaulesa.

Ora, ao contrário do que muita gente imagina, esse ataque foi repelido com orgulho e energia por parte de Herriot e os reaccionários tiveram que se calar, mau grado deles.

A reacção finguu indignar-se quando Herriot, defendendo as leis laicas, comparou o cristianismo das catacumbas com o cristianismo dos banqueiros, dizendo:

«O cristianismo não contesta a colaboração que o cristianismo prestou à civilização em dados momentos, sobretudo nas suas formas de pureza primitiva, quando era o cristianismo das catacumbas e não o cristianismo dos banqueiros.»

Na verdade para declararem a guerra às leis laicas os cardinais e os arcebispos apoiaram-se nos banqueiros, industriais e comerciantes para melhor conseguirem os seus fins, importando-se pouco com os seus interesses espirituais e demasiado com as vantagens materiais.

E de prever que este gesto de ameaça, esboçado por estes vergonhosos partidários do antigo regime e especuladores do novo, seja apenas uma amostra. Na de hoje foi o clero que marchou à frente dos banqueiros com a esperança de lhes abrir o caminho, mas amanhã serão os banqueiros que comandarão o assalto ao Senado, onde supõem encontrar um terreno favorável.

E assim como se viu hoje os banqueiros protestarem, com uma hipocrisia incomparável que nada tem com estes furos subtils do clero, amanhã veremos o alto clero, afirmar peremptoriamente que nada é preciso, um caminho para um logarjamento, onde tudo desertasse, onde a própria vegetação morresse ao contacto de uma terrível epidemia. Súbito, as sugestões do macabro, do tenebroso, confirmam-se plenamente. O muro interrompe-se como uma trincheira abatida, num assalto do vento furioso, e para lá dos destroços descobre-se a bocarra enorme dumha cratera aberta na terra.

E' uma cova funda, imensa, espécie de poço enorme aberto na cavidade dumha rocha. Não é possível conceber este cenário trágico sem a ideia de uma horrenda catástrofe, esborrando uma montanha, e abrindo nela, um dos círculos do inferno. Não poderia haver melhor decoração para uma das entradas do paraíso burguês.

A conhecida Bóca do Inferno, com as suas aberturas ao fundo da rocha carcomida, não é mais trágica de que esta cavidade convulsional, aberta para lá desse muro da rua Maria Pia. Dizem-nos que é o Casal Ventoso. Custa a acreditar. Em conjunto, aquilo é uma povoação, um logarjejo, que uma catástrofe fez baixar, profundamente, o nível do terreno. Dessa catástrofe restam os destroços, a tornar mais horrível a caserna, mais arrepiante a

Herriot comece por dizer:

«É perfeitamente exacto que, fiel à vontade do povo, nós nos pronunciamos pela supressão da embaxiada do Vaticano.

Mas tinhamos nós essa embaxiada durante a guerra? E, no entanto a França conservou a sua admirável unidade. Todos se achariam à vontade para seguir a sua religião, cumprindo o mesmo tempo o seu dever nacional.»

O abade Lemire ergue-se e confirma as palavras de Herriot:

«Na minha diocese, apenas reconheço o meu bispo, como superior. Quanto aos cardenais estes são os eleitores do Papa, e apenas têm uma autoridade de apêlo. Tantissimo, infinitamente, que o seu manifesto típico produziu a confusão entre a ordem religiosa e a ordem cívica.»

Em seguida Herriot continua o seu discurso, do qual extraímos os seguintes pontos principais:

«A nossa doutrina, que tem por fim separar o poder temporal do espiritual, foi defendida por todos os grandes ministros do antigo regime, como Richelieu e Mazarino.»

«O Papa disse, em 1925, que a nossa política não era justa, não era francesa. A declaração dos cardinais vem directamente desse seminário de Roma, que deu à França a maior parte dos seus chefes religiosos e a ordem cívica.»

Em seguida Herriot continua o seu discurso, do qual extraímos os seguintes pontos principais:

«A nossa doutrina, que tem por fim separar o poder temporal do espiritual, foi defendida por todos os grandes ministros do antigo regime, como Richelieu e Mazarino.»

«O Papa disse, em 1925, que a nossa política não era justa, não era francesa. A declaração dos cardinais vem directamente desse seminário de Roma, que deu à França a maior parte dos seus chefes religiosos e a ordem cívica.»

«Venho lembrar-vos que, para nós, a Escola Única é, no quadro da Universidade, um processo para juntar as crianças pobres com as ricas...»

E' talvez, por essa razão, que os cardinais combatem essa ideia tão violentemente, e se justificarem dizem que ela perverte as crianças.

E é então que Herriot exclama:

«O laicismo que reclamamos não nega a colaboração trazida pelo cristianismo, em dados momentos, à humanidade, quando ainda não era o cristianismo dos banqueiros...»

A estas palavras, a minoria, que acabava de receber um golpe de mestre, e que não tinha cessado até de fazer barulho com as carteiras e de dar pataçada, chega ao paroxismo do furor. Os urros e as invectivas ensurdeceram os ares e Herriot não conseguiu dizer mais uma palavra.

«Uma mina em chamas São vítimas desta catástrofe 50 mineiros

A ajudar ao rol já extenso das catástrofes mineiros, que de há um certo tempo vêm enlutando a humanidade, acaba de se dar, em Firemount (Virginia), uma formidável explosão numa mina.

A desgraça imposta ao tal que as casas situadas a três milhas dos poços foram abaladas.

Os engenheiros supõem que a explosão foi devida à queda dumha bomba de nitroglicerina na mina. Há também quem diga que foi uma explosão de grisú.

Torna-se impossível socorrer os soterrados, pois a mina inteira está em chamas e crece-se que morreram todos os trabalhadores, uns 50 pouco mais ou menos, que ali se encontravam no momento da catástrofe.

Na Irlanda encontraria o orgão das forças vivas faro assunto para campanhas... contra os bolchevistas que governam a Grã-Bretanha...»

Viagem aérea ao polo Norte

OSLO, 23.—O aero-club norueguês já completou todos os preparativos para a expedição em avião do capitão Amundsen ao polo norte.—(R.)

O PARAÍSO BURGUÊS

Uma perigração pelo mundo da dor e da miséria

Para os lados da rua Maria Pia. O que Lisboa ignora. Um quadro dantesco

Estamos em frente dum cemitério, pequena cidade tumular, a que foi dado o título macabro de cemitério dos Prazeres. A recuadura fica-nos a cidade em todo o seu movimento, em todo o seu latejar febril de luta, de vida intensa, que não deixa ouvir nada, que não deixa ver nada. Para lá do cemitério, deve por força existir uma das entradas que nos conduza ao paraíso burguês. E' um instinto que nos guia até aqui, porque não é possível separar a ideia do paraíso burguês, sem uma vasta necrópole de vítimas, que alcançam enfim, a ambicionada tranquilidade. Não nos enganemos. Tornejando o cemitério, à direita, há uma pequena calçada que dá acesso a uma rua interminável, soltura, espécie de azinhança, que nos torna apreensivos, caleidoscos. Os passos parecem soar mais nitidamente. De cada buraco na parede, de cada mancha do muro agorento, parece irromper não se sabe que cortejo de sombras, que nos vão prostrar, que nos vão esmagar. E' a rua Maria Pia. Lembra uma longa estrada de prósperos, um caminho para um logarjamento, donde tudo deserto, onde a própria vegetação morresse ao contacto de uma terrível epidemia. Súbito, as sugestões do macabro, do tenebroso, confirmam-se plenamente. O muro interrompe-se como uma trincheira abatida, num assalto do vento furioso, e para lá dos destroços descobre-se a bocarra enorme dumha cratera aberta na terra.

E' uma cova funda, imensa, espécie de poço enorme aberto na cavidade dumha rocha. Não é possível conceber este cenário trágico sem a ideia de uma horrenda catástrofe, esborrando uma montanha, e abrindo nela, um dos círculos do inferno. Não poderia haver melhor decoração para uma das entradas do paraíso burguês.

E sob estes telheiros, de mistura com estes escombros, encobertos com o lixo, com dificuldade de acesso dos caminhos abertos na encosta abrupta, gente formigando, gente arrastando-se como toupeiras, gente que não se vê, como se não vê facilmente as barracas onde apodrecem, como se não vê facilmente o caminho para chegar até junto dêles.

E que fará esta gente, como viverá ela? Como será ali a delícia do paraíso burguês?

Mas que força estranha animará esta gente, para poder sobreviver num inferno dantesco?

E chamam aos outros, aos que vivem em opulentas moradas, aos que respiram bom ar e se resfrescam no sangue dos pobres, «fôrças vivas»!

E como se chamará então à força dêsse miserável do Casal Ventoso, que consegue ter força para viver num pardo, soterrado em montões de lixo, perdidos, esquecidos do mundo, no fundo dumha cratera, que é um verdadeiro leprosário, logar mal

tententes à «Internacional Branca», que aceitaram um salário mais diminuto, comprometendo por essa forma, o movimento das pobres raparigas, vítimas, a maior parte, da impiadável tuberculose, para gáudio dos resfrescados, e para glória dos santos mártires da Companhia de Jesus!

A igreja, porém, encarrega-se, por parte dos seus mais diretos filhos da admirável empresa de se desmascarar a si própria. O grupo «Os Solidários» do Pórtugal, editou um vibrante surzindo valentemente os escândalos cometidos numa das mais importantes igrejas do Pórtugal—a aristocrática igreja dos Congregados, que fica dois passos da estação de São Bento. O prior dessa igreja, padre Domingos Vaz de Azevedo afrai a sacerdicia daquela igreja, prometendo-lhes pasteis, rebuçados e outras gulodices, os rapazinhos que habitualmente frequentavam a catequese e aí perante o madeiro do mártir de Golgotha, praticava os mais repugnantes actos de inversão sexual deformando o físico e a moral das pobres crianças, a quem, lentamente, ia inicando o vício perverso da pederastria!

E o manifesto formula depois estes justissimos comentários:

«E, ó crentes ingênuos e fervorosos! O' almas candidas, que acreditais plamente a encara, vai estendendo a sua acção nefasta, glorificando-as, mulheres e apoderando-se das crianças deformando-lhes a cerebração por meio do ensino religioso. Um dia, quando aqueles que não obedecem o mandado de Golgotha, praticava os mais repugnantes actos de inversão sexual deformando o físico e a moral das pobres crianças, a quem, lentamente, ia iniciando o vício perverso da pederastria!»

Se imaginam ou pensais isso, enganai-vos. O padre cometeu os seus crimes sob a capa da religião, e sob a protecção infinita do seu país e mês. Santos. Contando com a impunidade dêsse, e contando com a complacência dos crentes, exercia os seus bairinhos soturnos, prazeres sexuais nas crianças, sem o menor vislumbre de pudor!...»

«Os filhos na cebre do Inferno, que estão a ser comidos pelos grandes argêntinos e pelos beatos padres, que secretamente fazem parte da Associação, e pelos principais dirigentes, os jesuítas, (representantes da Seita em poderosas empresas industriais) que, unidos todos num concílio misterioso, vão furtando as greves e destruindo as aspirações do proletariado por intermédio da própria Internacional que alguns operários, na sua boa-fé, sustentam e defendem! Na Constituição da «Internacional Branca»—que a maior parte dos seus adeptos desconhecem—lêem-se estas elucidativas palavras: «Todas as organizações filiadas estão respeitadamente e absolutamente submetidas à autoridade eclesiástica. E' assombroso!»

A ajuntar ao rol já extenso das catástrofes mineiros, que de há um certo tempo vêm enlutando a humanidade, acaba de se dar, em Firemount (Virginia), uma formidável explosão numa mina.

A «Internacional Branca», destaca sempre para as várias associações operárias que não pertencem à greve, alguns dos seus filhos—dum e outro sexo—para estar ao lado de tudo o que nelas se passa e poder contramar o que não lhe convém.

E assim, inúmeras greves tem sido fárias, destacando-se entre elas a simpática greve das costureiras de Paris, perdida à ultima hora (quando o triunfo era certo) a favor de traição dalgumas das suas colegas per-

“Cavalgada de Sonho”

O último livro de novelas de Julião Quintinha consagra-o como escritor de grande alma e fino requinte

Como a vida não me oferece, em regra, senão motivos de desgosto, minha pena habita-se melhor ao combate do que ao elogio. Por maiores esforços que fizesse, nunca seria capaz de enfileirar, arrigamente e disciplinado, numa «coterie» qualquer, distribuindo e recebendo louvores

Os livros e os autores

A INVASÃO DOS JUDEUS — por Mário Sáa

Mário Sáa é um dos espíritos mais curiosos e mais inteligentes dos modernos escritores portugueses.

Verdadeiro temperamento de homem de letras, com um instinto apuradíssimo em todos os problemas que interessam à vida mental, percebe-se que a sua ação poderia ser qualquer coisa de muito notável se o seu inquieto temperamento lhe consentisse uma necessária disciplina mental em que trabalhasse, apuradamente, uma das suas tendências.

Poeta, artista, investigador, alguma coisa arqueólogo, mísico e desenhador, por todas estas manifestações o seu espírito se dispersa, eternamente volvel, esbanjando toda uma fortuna de saber e de imaginação.

O seu recente livro, trabalho valioso de investigação, que intitulou *A invasão dos judeus*, é a prova eloquente do que afirmamos. Grande mas incompleto livro, ele serve mais para dar uma ideia das altas qualidades do autor, do que para provar a tese enunciada.

Mas — dirá — o autor da obra não consegue tratar, devidamente, o tema que trazem como justificar o seu valor?

E' porque Mário Sáa, a propósito da invasão dos judeus, escreveu páginas dum grande valor histórico onde marcou, triunfalmente, embora sem método, as suas in vulgares qualidades de cultura e investigação.

Que quiz fazer o autor desta discussão obra?

Provar o perigo da invasão da raça judaica, e documentar o *assalto dos judeus à riqueza, ao Estado, à religião e à vida mental*. Para isto escreveu cerca de trezentas páginas, grande formato, ilustradas com inúmeras fotografias, traçando a história dos judeus, desde o seu inicio nos heróis de Israel e Judá, e tocando as mais célebres fases do judaísmo, no século XVI, em Espanha e Portugal, e daí até aos nossos dias.

E' mais do que uma divagação histórica, porque tem capitulos traçados com mestria; mas falta-lhe uma conclusão concreta, clara, terminante, para podermos analisar o *tal perigo judeu*.

Quanto a mim, o livro estaria todo ele certo — exceptuando algumas *blagues* de que o autor se não quis privar, muito voluntariamente, — se tivesse outro título. Qualquer título que fizesse referência ao judaísmo, mas não pretendesse ser a síntese dum perigo que, realmente, não consigo distinguir.

Por exemplo, seria um óptimo título este: «*Vámos subsubidos para a história do judaísmo em Portugal*». E assim estaria certo.

Preciso de lembrar ao Mário Sáa que, nesta altura do Século XX, já não podemos desencadear essas questões de raça, porque a ciência e um forte e renovador sentido humano impede essa bárbara regrressão.

Judeus ou maometanos, brancos, negros ou ruivos, o mundo é de todos os homens e todos, igualmente, têm os direitos que lhes outorgam o seu carácter, a sua inteligência e as restantes qualidades de que é amassada a humanidade.

Nem o pensamento universal hoje pode aceitar o preconceito das raças, pelo menos com aquele critério simplista do passado; nem a humanidade pode prescindir (e muito menos expulsar) quaisquer valores sociais por uma questão de raça — essa coisa já é muito difícil de definir, com rigor e propriedade.

Imagine-se que aparecem sábios dos mais ilustres, artistas, artífices, professores eminentes, mas da família judaica. Por este facto havemos de recusar a sua colaboração? Não pode ser.

Ora se tal não pode ser, também lhe não podemos recusar o direito de se evidenciar e assumirem as posições que o seu talento e gênio conquistam.

Aquilo a que Mário Sáa chama *assalto à riqueza e ao Estado* chamo eu, que não dou noticia de ser judeu, conquista de si tuação. Essa conquista, pelo que se refere à absorção capitalista, é tão ilegitima como a realizada pelos outros individuos.

E' perigoso, não por ser realizada por judeus, mas por ser praticada por todos os individuos. E se os judeus, intelectualmente e no campo da actividade, se distinguem, esse caso é apenas devido à sua superioridade! E ainda bem que se distinguem, contribuindo para o progresso humano.

E, depois, há que não esquecer que eles, em tóda a parte, são ainda uma minoria. E' realmente antipático o aspecto de usura, de egoísmo, que caracteriza a maioria dos indíviduos considerados judeus, mas ésses mesmos sentimentos vamos encontrar, em maior quantidade, noutras castas predominantes.

Seu seu livro pretende ainda provar Mário Sáa que os movimentos revolucionários em Portugal, desde as mais remotas sublevações, foram obra dos judeus. Nenhum mal viria a estes por isso, mas não deve ser rigorosa tal observação.

Se assim fosse, como explica então o autor os milhares de movimentos libertadores realizados noutras países — em todo o mundo — onde não deixou rastro a família de Israel?

Feitos estes reparos, a minha atenção não pode deixar de voltar-se para o que há de valioso nesta obra onde encontro materiais para eterna discussão.

A edição da obra é magnifica, quasi luxuosa.

MEMÓRIAS DE UMA BONECA, contos adaptados por Marques Junior.

Editedo pelo libraria Guimaraes, publicou o sr. Henrique Marques Junior um livro de contos destinado às crianças, que deve preencher, inteiramente, o seu fim, pela delicadeza e escrupulo com que foi tratado.

Baseando-se na tradição popular, e algumas versões de literatura infantil de outros países, o autor preparoumeticulosamente a sua obra, a que deu o nome de *Memórias de uma boneca*.

Todos os contos são bem tratados, devendo mencionar-se a *História dum tartaruga* e a interpretação dum lenda da Grécia antiga.

Edição cuidada.

JULIÃO QUINTINHO

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 3 desta revista intitulada: «*Abnegação*» de J. Sanjurjo. — Preço: \$50 — Peúdos à administração de A Batalha.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Luís

O rato de hotel, opereta de Luna de Oliveira, Horta e Costa e Feliciano Santos, música de Filipe Duarte

O rato de hotel é uma opereta portuguesa da autoria de Luna de Oliveira, Horta e Costa e Feliciano Santos.

Conhecido o primeiro e último como autores de originais e o segundo como tradutor experimentado, de esperar era o éxito que alcançou a peça, conduzida de princípio a fim com uma intuição scénica, com um espírito estusante que honram os autores. E, se não fôr a escusada extensão do segundo acto, no que respeita ao vicio opereta, poderíam considerar como modelar a obra, que ficará no nosso teatro do género como sendo das suas melhores composições.

A música de Filipe Duarte ajusta-se com naturalidade à letra e à parte uma outra repetição de motivos melódicos, aliás natural em música com tão grande *folha de serviços*, não exageraremos se declararmos, a priori, que a partitura é inspirada, acessível e apropriadíssima.

O desempenho esteve à altura da produção.

Ausenda de Oliveira que fazia a sua festa, venceu vocalmente a parte musical, o que é para regozijar, sabido como é que a graciosa artista não é uma cantora de opereta, no sentido em que a frase pode ser tomada. Garrida, encantadora de atitudes, esbelta de movimentos, Ausenda, que de há muito conquistou o público, onívora, justificadamente, os aplausos correspondentes ao seu trabalho.

Fernando Pereira cantou com sentimento e apresentou-se correctíssimamente como actor.

Aldina de Sousa cantou com uma bela intenção embora abusando dramaticamente, d'agressividade as vezes descomodada, Vasco Santana, cômico *sui generis*, fez rir despregadamente o público. Sofia Santos, Sebastião Ribeiro, Carlos Viana e os outros artistas bem. Coros afinados. Marcações de Armando de Vasconcelos, excelentes, de bom gosto e algumas inéditas em compaixão portuguesa.

NOGUEIRA DE BRITO

No São Carlos

A comédia de Hennequin e Coolus — «O sinal de alarme», tradução de Acácio de Paiva

Mais uma pega no São Carlos, que levará em sucesso o caminho da «A Vinda do Señor» que é, das peças da companhia de São Carlos, uma das que mais encantam os fãs.

«La sonnette de alarme» que Acácio de Paiva traduziu bem para «O sinal de alarme», uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de observação e certeiro de «carapuzas». E' também chioso notar, como no «activo cômico» da peça se descobrem, aqui e ali, fragmentos de vida simples, farpas de sentimento.

Uma pega como «La sonnette» de alarme exige evidentemente um desempenho harmônico, bem ajustado e conscientioso. Isso foi conseguido pela companhia. Lucília Simões estudos admiravelmente o tipo de provincialismo francês, achando nela, o árbitro, nesta conjuntura, manda marcar, ar deitado, para ouvir a frase de que trouxe a sua cobiça.

Ardepois, é uma comédia genuinamente francesa, com todas as características que nelas costumam dominar. Os seus diálogos são sutis, preciosos e demonstram bem que os autores sabem com eficiência demarcar os limites dentro dos quais a atenção do público se não cansa, ou pelo menos não comece a impacientar-se. O recheio cômico é vivo, às vezes de intenção e como em quaisquer das peças de autores reputados, abundante de

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE MARÇO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,29
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,44
S.	7	14	21	28	FASES DA LUA
D.	1	8	15	22	29
S.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	31

MARES DE HOJE

Praiamar às 2,52 e às 3,12

Baixamar às 8,22 e às 8,42

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 10 dias de vista	9,850	9,880
Londres, cheque	9,800	9,820
Paris	9,800	9,820
S. Paulo	9,800	9,820
Brasil	9,800	9,820
Itália	9,800	9,820
Holanda	9,800	9,820
Madrid	9,800	9,820
New-York	9,800	9,820
Brasil	9,800	9,820
Portugal	9,800	9,820
Suecia	9,800	9,820
Dinamarca	9,800	9,820
Praga	9,800	9,820
Buenos Aires	9,800	9,820
Viena (s. chileno)	9,800	9,820
Reis de ouro	9,800	9,820
Agio do ouro	9,800	9,820
Libras ouro	10,800	11,000

ESPECTÁCULOS

TEATROS

5.º Cartel - A's 21,30 - O Sinal de Alarma.
São Batis - A's 21 - Teatro dos Hotels.
Recreional - A's 21,30 - Díchy.
Palácio - A's 21,30 - «Britannicus».
Teatro - A's 21,30 - «Mola Real».
Tremor - A's 21,30 - «Miss Diabos».
Eden - A's 20,25 - Variedades.
Juventude - A's 21,30 - Irmãos e A. Cidadas.
Maria Vitoria - A's 20,25 e 22,30 - O Sonho Dourado.
Educaçao dos Recreios - A's 21 - Companhia de circo
Salão - A's 20,25 - Variedades.
O. V. Vicente (A Graca) - A's 20 - Animatógrafo.
Fremão Parque - Todas as noites - Concertos e discursos.

CINEMAS

Olimpia - Chiado Terreiro - Salão Central - Cinema
Cedros - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Cine Paris - Cine Esmeralda - Chantecleer - Fivoli - Tortoise - Gil Vicente.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Meu Amor, assim como rochas ócias e maciças, tubos, molas, chaminés de ferro e peças, tampas. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata (E a casa que fornece em melhores condições).

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito a sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as provéniencias.

Telefone, C. 5339.

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2º.

LIMAS

As melhores são da União. Tomo Peiteira, Viana do Castelo. Pedir em todas as lojas de ferragens. Os preços e tempo para realizam-se as melhores marcas, as melhores marcas, as melhores marcas.

MARCAS REGISTADAS
é editado nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa, F. Ferreira & C. Lda - Calçada do Marquês de Abrantes, 138 - Telef. C. 1500.

Sindicato Único dos Fogueiros de Mar e Terra

Avisam-se os sócios em atraso, que estão arquivados, serão eliminados não pagando os seus atrasos no prazo dum ano para os que estão fora do continente, e seis meses para os que estão no continente.

24-3-1925
diese o profeta, replicou tranquilamente o velho sarraceno, estou em teu poder, nazareno; mas as tuas ameaças não hão de obstar a que eu diga sempre a verdade!

A verdade, exclamou o filho do emir, é que todos os franceses, guiados pelos seus padres, invadiram o nosso país, assolando os campos, assassinando as mulheres e os nossos filhos, e profanando os seus cadáveres!

Silêncio, meu filho! replicou o emir com voz grave, «Mahomet disse: A força do homem justo consiste na serenidade da sua razão e na justiça da sua causa.»

O mancebo calou-se e seu pai acrescentou, dirigindo-se ao príncipe de Tarento:

Disse-te a verdade; lastimo-te se a ignoras ou se a renegas. O nosso povo separado do teu pelo imenso deserto dos mares e muito longe das tuas terras, não podia prejudicar a tua nação; nós respeitavamos os eremitas e os padres cristãos; os seus mosteiros elevaram-se no meio das férteis planícies da Syria; as suas igrejas brilhavam nas cidades ao lado das nossas mesquitas, e ao nome de Abrahão, nosso pai comum, muçulmanos, judeus ou cristãos, todos nós acolhímos como irmãos os seus peregrinos, que vinham a Jerusalém adorar o sepulcro de Jesus, esse sábio dos sábios. Os cristãos exerciam em paz a sua religião, porque ALHÀ, Deus do profeta, disse pela boca de MAHOMET, profeta de Deus: «Não façais violência a a pessoa alguma por causa da sua crença.» Mas a nossa mansidão tornou atrevidos os seus sacerdotes e elos excitaram contra nós os cristãos, ultrajaram a nossa crença, pretendendo que só a sua era verdadeira, e que Satanaz inspirava as nossas orações. Por longo tempo os sofreram com resignação; mil vezes superiores em número aos cristãos poderíamos tê-los exterminado, limitámos-nos a encarcerar, segundo a nossa lei, aqueles dos padres que nos ultrajavam e se meavam a discordia no país; então vieram vocês aos milhares de além-mar, invadiram o nosso território, e

REUMATISMO

Sifilítico, Bienorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

“Reumatina”
24 horas depois não tem mais dores

“Reumatina”
E' inofensiva porque não exige dieta

Preço 8\$00

“Reumatina”
Vende-se em tócas boas farmácias e drogarias -

Pó Anti-bienorrágico

E' o mais poderoso combatente das bienorrágicas crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440 - PORTO

FÁBRICA

deadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C. a

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 - LISBOA —

FOTOGRAVURA

TRICROMIA

ZINCOGRAFIA

DESENHO

GRANDE PREMIO

RIO DE JANEIRO 1908

GRANDE PREMIO E

MEDALHA DE OURO

LISBOA 1913

PREMIO DE HONRA

LEIPZIG 1914

OFICINA FOTOMECHANICA

Largo do Conde Barão, 49

LISBOA

TELEFONE

2554

C

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de cár,

para marceneiros,

serradas em tódas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglezinhos, 50 - LISBOA

Dr. Filipe Gomes, Cirurgião dos Hospitais - Operações, as 3 horas.

Dr. Antônio Gonçalves, Assist. da Fac. de Med. - Doentes dos olhos, as 2 horas.

Dr. Antônio de Menezes, Ex-Ass. do Oscar Helene-Hein em Berlim - Ortopedia (Deformidades e paralisações em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisioterapia (Eléctricidade, magnetismo, vapor, etc.), as 5 horas.

Dr. Barreto Camacho, Assist. da Fac. de Med. - Doentes nervosos, as 3 horas.

Dr. Cascão de Pinhas, Ass. da Fac. de Med. - Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endoskop. Dietética, as 3 horas.

Dr. Estrela Teixeira, Ass. da Fac. de Med. - Doentes das senhoras, as 1 horas.

Dr. Francisco Martins, Ass. Livre da Fac. de Med. - Doenças das crianças, as 3 horas.

Dr. Moraes Carlos, Ex-Ass. do Prof. Iadasohn em Breslau - Doenças de pele e sifilis, as 2 horas.

Dr. Morais Damião, Ass. da Fac. de Med. - Coração e pulmões, gástricas, as 4 horas.

Dr. Renato Ribeiro, Monitor do Hosp. Necker em Paris - Doenças dos rins e vias urinárias, as 4 horas.

Dr. March Ribeiro, da Fac. de Med.

Dr. Helena Caldeira, Chefe de Lab. - Análises clínicas.

Dr. Benard Guedes, Director de Radiologia no Hosp. escolar - Ráios X. Rádio.

Ler às 2.º feiras o Suplemento de A BATALHA

Calçado “ATLAS”

NOVA BAIXA DE PREÇOS EM TODO O NOSSO CAL-

CADO, DESDE 16 DE MARÇO

Depósitos: R. do Ouro, 198 - R. Augusta, 149 - R. do Carmo, 87

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

A BATALHA

A Conferência Juvenil de Lisboa iniciou anteontem os seus trabalhos

As sessões têm decorrido com entusiasmo, tendo na da abertura proferido interessantes discursos o dr. Ferreira de Macedo e o professor Manuel da Silva

Inaugurou-se anteontem, pelas 10,30, a 1.ª Conferência das Juventudes Sindicalistas de Lisboa. A mesa da sessão preparatória ficou composta pela Comissão Organizadora da conferência. Compareceram: o Núcleo central e as secções: Central, Empregados no Comércio, Metalúrgica, Mobiliária, Beato e Olivais.

E nomeada a comissão de verificação de mandatos que ficou composta por Julião de Almeida, Egílio Correia e José de Oliveira. A sessão é suspensa por 15 minutos.

Reaberta a sessão é lido o parecer da comissão que é aprovado após sobre ele terem falado Costa Vaz e Virgílio de Sousa.

Entra-se em seguida na 1.ª sessão. Presidente Vasconcelos da Silveira, secretariado por António de Sousa e Virgílio de Sousa.

Passa a discutir-se, na especialidade, o regulamento da conferência. Falam sobre ele, entre outros, Guilherme Mesquita, João Gomes, numa inteligente crítica a orientação das sessões da Conferência que, em sua opinião, deviam decorrer mais elevadas.

Manuel Perez agradece a manifestação de solidariedade da Conferência às vítimas de guerra.

O orador vê na Conferência uma alta manifestação da mentalidade juvenil, perfeitamente integrada nos problemas de aperfeiçoamento moral do proletariado.

Na ordem de trabalhos, foi lido o relatório da comissão administrativa do Núcleo de Lisboa. É um documento bem urdido, com profunda análise psicológica do movimento juvenil e historiador de toda a vida das Juventudes Sindicalistas.

Os delegados da Federação entendem que a Conferência tendo apenas funções de estudo não deve ocupar-se do relatório que só a assembleia do Núcleo compete. Nesse sentido apresenta uma moção de ordem, a qual a Conferência aprova.

Os mesmos delegados, ao entrar-se na discussão da tese marcada na ordem, propõem para que se discuta a tese "Organização intensa das Juventudes". Rejeitada, depois de falarem Silveira, M. Caetano e Júlio de Almeida.

A Conferência advoga a prática da verdadeira cultura física

Vai apreciar-se agora a tese "A cultura física e a mocidade".

José dos Santos, relator, depois da sua leitura, esclarece que em virtude dum lapso na tese apresentar-se depois um aditamento à mesma, como reconhecimento de que toda a base da cultura física reside na ginástica.

Sobre a tese falam o delegado da A. dos Professores e Virgílio de Sousa, que dizem que o problema da educação física está ligado ao da educação social. Todo o sistema de disputa exacerbá a sistema nervoso e espírito de rivalidade nos variadíssimos aspectos do desporto. Deve-se, pois, suprimir esse fato de facciosismo de grupo, e defender-se a verdadeira cultura física, pela prática da ginástica, etc.

Emídio Santana e Viegas Carrascalão também vêem no futebol o espírito derivado que a base de campeonato seguida em quaisquer dos desportos é originário. Defendem, pois, o critério da supressão de todo o desporto que crê o espírito de luta e alimento a rivalidade de grupo.

José da Silva Costa require que em face do adiantado da hora e após a aprovação da tese "Educação Física", seja encerrada a sessão, passando a tese "Propaganda" para a 1.ª parte da ordem dos trabalhos da sessão de amanhã.

Foi aprovado.

Sebastião Marques, não sendo futebolista, entende que o desporto bem aproveitado, sem o espírito de disputa, algumas vantagens pode trazer.

Falam ainda sobre a tese António de Sousa, Carrascalão, João Gomes e Manuel Caetano, que reforçam as afirmações produzidas.

Vasconcelos Silveira require que, devido ao adiantado da hora, se passe à discussão das conclusões da tese "Cultura Física".

Depois de várias explicações entre V. de Sousa, Silveira e Carrascalão, são aprovadas as seis conclusões da tese em discussão.

A 4.ª sessão realiza-se hoje, às 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Tese sobre propaganda; 2.º Parecer sobre ensino primário; 3.º Tese sobre organização.

Depois de eleita a mesa para a sessão de hoje, a Conferência suspendeu os seus trabalhos à 1 hora de hoje.

O SUPLEMENTO DE "A BATALHA" VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

FESTAS ASSOCIATIVAS

Associação de Classe dos Colchoeiros

Sob a presidência de Dálio Nôvoa, realizou-se ontem a sessão comemorativa do 10.º aniversário da fundação da Associação de Classe dos Colchoeiros, e a inauguração do retrato do fundador do coletividade, já falecido, Miguel Luís dos Santos.

Usaram da palavra Luís de Moraes, Borges Frazão, Joaquim Pedro Horta, Paulo Caldeiros, Constantino Rocha e Raúl Lopes.

Todos os oradores se referiram à ação de Miguel Luís dos Santos, como grande propagador dos princípios associativos.

António Sebastião Marques propõe que seja estabelecido um período de meia hora antes da ordem. Sobre a proposta falam Carrascalão e Guilherme Mesquita que discordam dela.

Vasconcelos Silveira propõe, em questão prévia, que se entre imediatamente na ordem de trabalhos. Foi rejeitado.

Aprovada a proposta de Sebastião Marques, Emídio Santana requer que ao delegado do grupo "O Seineador" lhe seja dada a prioridade para a leitura dum documento.

Este dia a preferência a Carlos Coelho, delegado da C. O. T., o qual num pequeno discurso explica as razões porque só hoje a Central dos Sindicatos vem à Conferência.

Termina exprimindo os votos de que a Conferência produza um trabalho elevado digno da mentalidade das Juventudes Sindicalistas.

José Carlos de Sousa, delegado do grupo "O Seineador", procede à leitura dum documento de saída à mocidade trabalhadora pela sua Conferência, exaltando a

comissão de auxílio a este camaráda recebeu "mais" as seguintes importâncias:

Sindicato Rural de Alter Chão, 42515; idem de Beja, 20500; idem de Terreiro, 24870;

S. dos Empregados no Comércio de Extremoz, 50500; Alfredo Cristino, 10500.

Todos os donativos devem ser enviados a Júlio Madeira, Cabeço de Vide.

Pró-André Calcinhas

A comissão de auxílio a este camaráda

recebeu "mais" as seguintes importâncias:

Sindicato Rural de Alter Chão, 42515; idem de Beja, 20500; idem de Terreiro, 24870;

S. dos Empregados no Comércio de Extremoz, 50500; Alfredo Cristino, 10500.

Todos os donativos devem ser enviados a Júlio Madeira, Cabeço de Vide.

AS GREVES

O conflito marítimo de Olhão

Um comício proibido --- Uma carta aberta A força armada protegendo os armadores

OLHÃO, 20.—Continua no mesmo pé o conflito marítimo, única e simplesmente por um capricho dos armadores que persistem em não reconhecer o sindicato marítimo. Esta atitude dos armadores traz o povo completamente exaltado. Por toda a vila se ouve centenas de bocas clamarem contra este estado de coisas. E não obstante isto, os armadores continuam na mesma atitude irritante, dispostos a matar lentamente o povo pela fome. No desejo de contribuir quanto possível para a solução do conflito a U. S. O. tem realizado várias "démarches" que não tem dado resultado pelo indefeitado e desconsideração para com o povo com que os armadores tratam a questão.

Em face destes factos, o mesmo organismo, marcará para domingo um comício público, que o delegado do governo proíbe. Este comício tinha por único fim explicar ao público verbalmente qual a origem do conflito e os motivos porque ele se não resolvia com honra para ambas as partes. Não obstante isso, foi proibido. Por isso, a U. S. O. resolveu enviar à Associação Industrial e Comercial, uma carta aberta que foi distribuída ao público. Na reunião do conselho de delegados do mesmo organismo, foi resolvido enviar-se um exemplar dessa carta directamente para a referida associação. Pois quando tudo indica que os armadores aceitaram isso como consideração. Pois quando tudo indica que os armadores aceitaram isso como consideração.

Com este tema realizou anteontem o sr. dr. Simões Raposo, uma interessantíssima conferência, na Universidade Livre.

Muitas inteligências privilegiadas—afirmou o conferente—que pelo brilho e pela

desconfiança da totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

O regime de liberdade de fabrico de

fósforos não pode implicar, de maneira alguma, o pessoal que actualmente está preso

à direção, a firmeza da sua

confiança na totalidade da população portuguesa, estabelecendo o regime de Administração do Estado — A Régie — que está de

tal forma desacreditada que de maneira alguma poderá ser aceita pelo Povo. A Régie

seria um perigo maior que o Monopólio;

devemos lembrar-nos da escandalosa e

desastrosa administração do Estado nos Transportes Marítimos, dos Bairros Sociais e tantos outros. A Régie seria a ponte de

passagem para novos Monopólios.

<